

Holandeses e alemães discutem dívida do Brasil

Os bancos credores alemães ocidentais e holandeses reuniram-se ontem para discutir a proposta de um empréstimo-ponte para o Brasil. Esta foi a primeira reunião desde que o "pacote" de empréstimos foi elaborado em Nova York neste mês, informaram os banqueiros que participaram das conversações.

Ainda é muito cedo para dizer se os bancos concordarão com a proposta, mas é um passo positivo, disseram. "Deixa o caminho aberto para os bancos e o Brasil realizarem negociações adicionais", comentou um deles.

As conversações seguiram-se à suspensão pelo Brasil dos pagamentos de juros da dívida bancária comercial de US\$ 68 bilhões em fevereiro deste ano. Os bancos alemães teriam a receber cerca de 5% do saldo total da dívida externa brasileira.

A reunião ocorreu no Deutsche Bank AG, um dos catorze bancos coordenadores regionais nas conversações em Nova York, onde o s p l a n o s d o financiamento-ponte foram elaborados.

O Brasil concordou nessas conversações com o pagamento de US\$ 1,5 bilhão, usando suas reservas cambiais, para saldar juros vencidos, cabendo aos bancos comerciais o financiamento de mais US\$ 3 bilhões.

DIFICULDADES

Os banqueiros afirmaram que somente o financiamento-ponte foi discutido ontem. Esse crédito cobre os pagamentos de juros até o fim deste ano. A reestrutura de dívida para o período de 1987/89, que deverá constituir a segunda parte do "pacote", não foi incluída nas conversações.

Os banqueiros alemães disseram que poderá ser mais difícil chegar a acordo sobre um "pacote" maior para reestruturar juros e o principal para o período de três anos até o fim de 1989.

"O principal problema é o pagamento de juros. Enquanto um país não estiver em condição de pagar juros, seu saldo de dívida cresce, devido ao atraso dos pagamentos de juros", explicou um banqueiro, acrescentando que os bancos deveriam procurar alternativas para a obtenção de novo dinheiro.

"Os bancos não estão dispostos a pagar os juros devidos para sempre; isto não é benéfico nem para o Brasil nem para os bancos", acrescentaram.

Os banqueiros alemães não sofrem qualquer pressão para chegar a um novo acordo, porque já criaram grandes reservas para problemas de dívidas, representando até 100% de créditos de alto risco, em alguns casos.

Isso não acontece com os bancos norte-americanos, que precisam contabilizar prejuízos em empréstimos em liquidação, acrescentaram.